

INVICTA CINE

SEMANARIO ILUSTRADO DE CINEMATOGRAFIA



N.º 158

50 CENTAVOS

ANO IX



INVICTA-CINE

SEMANARIO ILUSTRADO DE CINEMATOGRAFIA

«SINGRANDO CONTRA
TODAS AS PORCELAS»

DIRECCÃO E EDIÇÃO DE:
ROBERTO LINO
E
SOUTINHO D'OLIVEIRA
REDACITOR PRINCIPAL
ALVES COSTA
ADMINISTRADOR:
JOAQUIM TEIXEIRA
PROPRIEDADE DA
EMPRESA INVICTA-CINE

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
(PROVISORIAMENTE)
RUA DAS MUSAS, 45
PORTO (Portugal)

ANO IX
Numero 158
PORTO
27 DE FEVEREIRO
1932

COMPOSTO E IMPRESSO NA
TIP. EMP. DIARIO DO PORTO

REDACTORES:

LISBOA: Fernando Barros
— e Aguinaldo Machado —
PARIS: Daniel Maybon, Robert
— Gaillard e Maurice Hiléro —
NOVA-YORK: Artur Coelho
HOLLYWOOD: Olimpio Gui-
— — — lherme — — —
BERLIM: Simon Haimovici
VIENA: Fritz Miko
ROMENIA: Samuel Steinberg

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

VISITE

a NOVA SECÇÃO de

PORCELANAS

da China e do Japão

RADIO-PORTO

AVENIDA DOS ALIADOS, 156 a 162

O Porto vai vêr muito em breve

A Tragédia da Mina

Recebemos na semana passada dum dos nossos redactores em Paris a interessante carta que só hoje podemos publicar:

Se admitirmos que através do mundo internacional do cinema, só três ou quatro artistas são verdadeiros génios, e que entre êsses há G. W. Pabst, concebe-se fácilmente que A Tragédia da Mina era esperada em França com impaciência. Depois de O Milhão e Viva a Liberdade!, foi êste, creio eu, o único filme que suscitou vivos comentários antes da sua apresentação. Felizmente que essa obra notável saíu vitoriosa.

E' certo que A Tragédia da Mina não é tão perfeita, tão possante como A Opera de quatro vintens; Pabst dissimula-se muitas vezes atrás das suas imagens a pontos de se fazer esquecer, mas a sua obra nem por isso deixa de ser um dos maiores e mais generosos êxitos do cinema!

Os autores de filmes abordam raramente géneros tão ingratos como êsse, e era realmente precisa a coragem de Pabst para se tentar a composição dum fresco assim imenso. Mas a coragem não basta para se ser bem sucedido. E' indispensável o talento. Pabst tem-no, e é duma maneira notável que o seu assunto é tratado!

Constatemos que há defeitos a apontar: um começo infeliz, uma maneira tímida de abordar o nervo da causa tratada, desigualdades de interpretação. Mas digamos também, que estas faltas desaparecem na potência do conjunto e que êste confirma as esperanças que mantínhamos em Pabst. Lendo o cenário dissêra para comigo: que admirável assunto para o realizador de Quatro de Infantaria! Não me enganei. Pabst sente-se à vontade com êste cenário, utilizando todos os seus elementos de emoção, de grandeza e de humani-

dade. Com a sua extraordinária ciência do detalhe, da filmagem, da distribuição de luz, da direcção dos actores, êle creou, sobretudo, uma atmosfera justa e envolvente.

O público parisiense reagiu lindamente. Tem saúdado essas imagens nobres, grandes à força de simplicidade, com aplausos que não poupa. Mas o fim, êsse fim dum humor feroz, tem sido assobiado. E seria preciso ser-se muito estúpido para não compreender que essa algazarra é a homenagem espontânea à mestría dum realizador cuja reputação de há muito que está feita.

(Paris—Fev.—932).

DANIEL MAYBON.

N. da R.—E' justo lembrar que Tragédia da Mina foi estreada em Lisboa muito pouco tempo depois de ter sido apresentada em Paris. E' justo lembrar que é a H. da Costa que devemos o facto de ver essa obra notabilíssima ao mesmo tempo que ela corre nas grandes capitais da Europa. E justo é que a êle agradeçamos a coragem de trazer a Portugal filmes de tal envergadura, que, certamente, sem essa coragem não teríamos o ensejo de ver tão cêdo.

Esperamos que o successo que em Lisboa, como em Paris, em Berlim, em Viena, em toda a parte, coroou a obra de Pabst, se repita, se duplique quando A Tragédia da Mina fôr exibida no Pôrto!



Uma das mais empolgantes cênas do grande filme de Pabst, «A Tragédia da Mina»

O Fernando escreve-nos de Lisboa comunicando-nos também o seu entusiasmo por A TRAGÉDIA DA MINA

Inspirando-se numa forma felicíssima na catástrofe de Courrières, Pabst compôs um filme genial, de valor incomparável, um filme impar.

Além dum trabalho técnico de perfeição ainda não excedida—nem talvez igualada—além dum conjunto cinematográfico dum tamanho tão grande como pungente beleza, este filme é muito principalmente uma formidável, uma humaníssima lição de socialismo.

Há quem, perante *A tragédia da mina*, veja apenas da parte do realizador um esforço para acabar ou pelo menos abalar rudemente o ódio rático que separa os alemães dos franceses.

Quanto a mim, Pabst quis mais, quis muito mais, quis vencer o mundo—ou melhor, a parte do mundo que disso ainda se não convenceu—de que acima das raças, acima das fronteiras existe a humanidade.

Demonstrando melhor do que com o *4 de Infantaria* quão estúpido e irracional é o ódio que separa certos povos, G. W. Pabst tornou-se mais do que nunca crêdor da admiração e da gratidão daqueles que vêm acima de tudo a paz e o bem universais e tornou-se mais do que nunca temido e odiado por todos os que ao bem comum preferem o bem particular, por todos os que acima da humanidade colocam a vaidade rática e os interesses privados.

Sendo um filme de tese, *A tragédia da mina* é absolutamente acessível a todas as inteligências e a todas as culturas.

Por todos deve ser visto e por todos é, com certeza, sentido: por intelectuais, por operários, por velhos e por novos.

Desde o início, desde o conflito miniatural entre os pequenos francês e alemão rapidamente apaziguado pelos policiais das duas nacionalidades, através todo o filme, até ao final em que mineiros alemães e franceses confraternizam e em que Jean, entusiasmado, grita: *camaradas! nós somos todos mineiros e não temos senão dois inimigos: a guerra e o gaz!*, Pabst quis e conseguiu-o maravilhosamente—dar-nos um filme bellissimo, de rara virtuosidade, e produzir simultaneamente uma obra de enorme alcance social.

Que perfeição de técnica! Que bem filmadas todas aquelas cenas no fundo da mina: o fogo irrompendo pelas galerias, destruidor, fazendo fugir, apavorados, os mineiros; provocando derrocadas que trituravam horrivelmente homens e mais homens. E depois, a organização e partida das equipes de salvação alemãs; o espanto dos franceses ao vê-las chegar, sintetizado na boca de Françoise: *les allemands! c'est pas possible!*; a alucinação de Jean no fundo da mina, quando exausto, sob a nefasta influência dos gazes vendo aproximar-se um mineiro germânico com a cara protegida pela máscara anti-gásica se julga ainda em plena guerra e se lança sobre ele; a visão rápida do grande conflito europeu; a marcha er-



Uma imagem de *A Tragédia da Mina*

rante do pobre velho, angustiado, procurando aflitivamente o neto; o momento fortemente emotivo em que ele o encontra e em que começa a gargalhar de tal forma que nos faz duvidar por momentos se é alegria o que ele sente por ter encontrado vivo o netinho, se é um ataque de loucura por o ter encontrado morto; a inundação; a cena formidável de verdade em que os cinco homens, perdidas já todas as esperanças de salvação, bloqueados na arrecadação das locomotoras, conseguem comunicar telefonicamente com a superfície e pedir socorro; a aflição dos alemães para se fazerem compreender; a sua alegria quando gritam, inconscientemente, em unísono: *oui, oui, oui...*

Tudo isto nos é apresentado numa forma inultrapassável, numa forma de que só Pabst é capaz.

Não posso também deixar de aconselhar este filme maravilhoso a um núcleo de pessoas, felizmente muito diminuto: os sonoróforos. Que vão ver *A tragédia da mina*.

E depois que digam, se tiverem coragem, que o som não foi uma aquisição de inestimável valor para o cinema, um elemento formidável para a perfeita reprodução da realidade.

Lisboa, fevereiro de 1932.

Fernando.

Fotografia Guedes

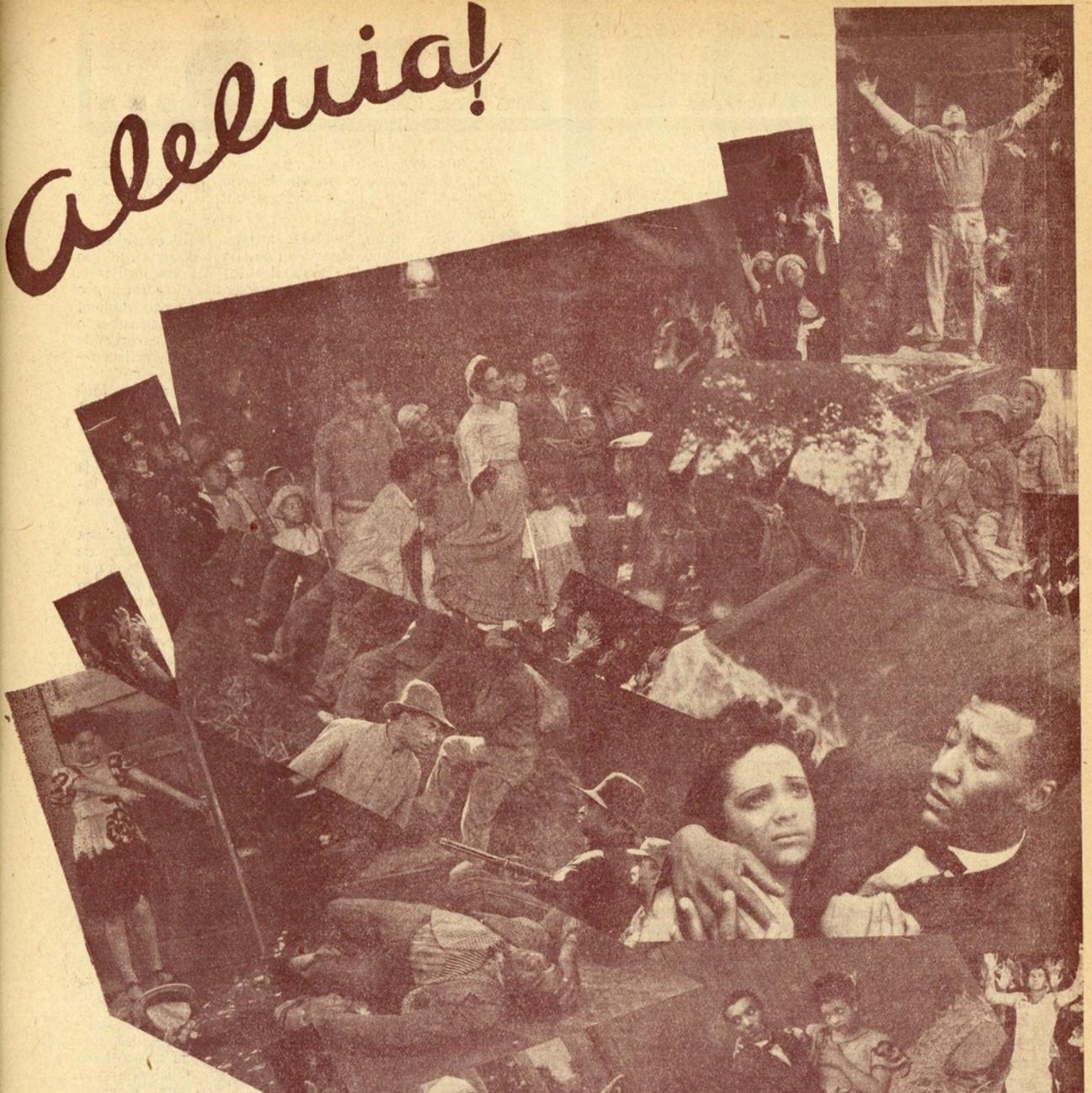
O mais completo atelier fotográfico

Telefone, 2680

— NEVES GUIMARÃES —

346, Rua Santa Catarina, 350

Aléluia!



Um grande filme exibido há meses em Lisboa e que até hoje ainda não foi apresentado no Pôrto. Porquê?



COMENTÁRIOS...

ESTAREMOS ameaçados da criação dum monopólio para a produção de filmes educativos? O caso é grave. Logo após a publicação dum decreto sobre o Cinema Educativo surgem os preliminares da instituição duma entidade única que ficará com o exclusivo da produção... de filmes educativos. Façam Vocês os comentários... e leiam esta carta que o jornal *República* publicou no sábado passado:

«*Sr. Director:* Permita-me v. que venha roubar um pouco de espaço no seu jornal, mas o assunto de que vou tratar é tão melindroso para o futuro daqueles que trabalham pela cinematografia nacional e que para ela estão dando todo o seu esforço que mal ficaria com a minha consciência se calasse no meu íntimo a dúvida de que estou possuído desde a publicação do recente decreto sobre o Cinema Educativo.

Analisando criteriosamente o relatório do decreto, e antes de entrar propriamente no articulado, ressalta aos olhos de toda a gente a boa vontade e alto critério de quem o legislador está possuído, criando em Portugal o Cinema Educativo, a exemplo do que se faz no estrangeiro. Obra desta natureza é digna do aplauso de todos os portugueses, e muito mais daqueles que, vivendo no cinema nacional, poderiam encontrar ao abrigo do mesmo decreto um vasto campo de acção e, por conseguinte, uma fonte de receita que iria premiar o esforço e a inteligência posta à prova em futuros trabalhos educativos.

Mas entrando na matéria executiva do mesmo decreto não posso compreender—e daí nasceu a minha dúvida—porque se vai abrir concurso, e *ipso-facto* criar-se uma entidade única, que ficará com o exclusivo da confecção de filmes educativos em prejuízo das casas congêneres e tão poucas são em Portugal!—que assim se veem privadas de poder trabalhar na cinematografia nacional, porquanto a feliz entidade adjudicatária será a única que poderá fornecer os mesmos filmes.

Nesta ordem de ideias, o recurso das outras entidades estabelecidas em Portugal que vivem da confecção de documentários é terein de fechar as portas, porquanto esses documentários que estão ao abrigo duma lei, deixarão de ter venda, em virtude da obrigação dos exibidores da aquisição de filmes educativos, pois sendo a legislação bem clara, isto é, a obrigatoriedade de 100 metros nacionais em todos os espectáculos cinematográficos, os filmes educativos preencherão esse dever.

E sobre preços dos futuros filmes educativos, existindo apenas uma entidade a realizá-los, e por conseguinte sem concorrentes, fica ao arbitrio desta uma tabela que por mais exagerada terá que ser aceite pelos distribuidores ou exibidores, sob pena, conforme o artigo 5.º de uma multa pesada, que mais uma vez beneficiará a entidade adjudicatária.

Fazendo, pois, sentir ao legislador que a idia do cinema educativo deve merecer de todos o maior carinho, eu ousou pedir a revisão da matéria decretada, sugerindo a ideia da liberdade de acção para todas as entidades, embora sómente para as registadas no Tribunal do Comercio, que apresentariam os seus trabalhos a uma comissão, nomeada conforme o artigo 1.º, que deliberaria sobre o valor artístico e educativo dos filmes, dando ou não a sua aprovação.

E' esta a minha maneira de vêr, e estou certo que o Ministério da Instrução compreenderá o alcance desta exposição, abolindo o concurso que vem apenas beneficiar uma entidade, em prejuízo das outras, agravando ainda mais a actual crise de trabalho. **Carlos Ferreira** ».

HELOISA Clara abandonou definitivamente a carreira cinematográfica. Se por um lado lamentamos a perda duma artista cujas qualidades, apenas esboçadas em *Ver e Amar*, não tiveram ainda ocasião de ser inteligentemente aproveitadas, por outro concordamos que fez bem. Parece que um anjo mau perseguia Heloisa, trazendo para os filmes em que entrava percalsos e desastres sem fim. Não falemos já do seu filme de estreia... Recordemos apenas que *A Portuguesa de Nápoles* nunca chegou a ser exibido no Porto e que acaba de receber da crítica brasileira uma tarefa mestra; que o *Milagre da Rainha* já não se salva nem com um milagre; que *Paisagem* encravou parece para todo o sempre; que a «Continental Filmes» estourou dias depois de ter convidado Heloisa a apresentar-se lá; e que *Amor sem Asas* continúa muito quietinho... com cara de não ter finalidade...

Aproveitamos a ocasião para nos despedirmos da artista que desaparece, esperando, todavia, poder contar sempre com a simpatia e a amizade com que ela nos distinguira até hoje.

GORGES Milton, um dos artistas mais queridos do nosso público, assegurou nesta sua última produção a simpatia criada pelo «Boubole» do «Rei dos Borlistas».

O «Rei da Graxa», não obstante ser um filme um pouco inferior ao «Rei dos Borlistas», agradou mais ao público, pois Milton, pôde mostrar neste filme todo o seu soberbo talento de comediante. De facto o seu trabalho, surpreende pela naturalidade e pelo à vontade que o grande artista revela.

E' pena, que a idade e o físico não o ajudem, pois Milton acrescentaria mais um reinado—O Rei dos Cómicos—à sua galéria.

O JORNAL «O Século» apresenta quinzenalmente um documentário português focando os acontecimentos da «quinzena». Ainda há dias fomos informados que o seu fotografo nesta cidade, Tavares Fonseca, foi filmar aspectos curiosíssimos da Serra do Marão, coberta de neve.

Esta iniciativa é de elogiar, pois poderá ser que desta maneira alguns fotografos caprichem em apresentar algo de bom, e não como muitas vezes acontece, documentários que só ocasionam o aborrecimento de quem os vê. O primeiro documentário de «O Século» exibido em Lisboa, no Tivoli, agradou plenamente.

NA exibição particular de um dos bons filmes desta época um conhecido crítico, vindo a hora adeantada a que a sessão iria terminar, pergunta para o Secretário da Empresa dêsse cinema:—Quando é que esta coisa termina? Esta pergunta desconcertou todos os presentes. De facto, para tratar desta maneira um filme como «Ruas da Cidade», ou é preciso ter muito pouco senso, ou então nada perceber do assunto.

UMA revista portuense, pela pena do seu director, terminava uma crítica de efeito, pela seguinte maneira:—Obrigado Western Electric! Obrigado Rou'en Mamoulian! Obrigada Sylviasinha! Obrigado, oh Paramount!

Isto dá a impressão duma romaria com a girandola de foguetes a finalizar...

EIS a opinião duma das grandes autoridades do cinema e que nós transcrevemos para resfriar um pouco o entusiasmo de dois colegas nossos pela artista, Sidney:

«Devo, argumentar um pouco sobre Sylvia Sidney. Pode ser que me engane. Acho que ela tem a sorte da personalidade, da qual você se cansaria logo. Eu cansei-me dela muito antes de terminar a projecção de «An American Tragedy». Ha nos seus trabalhos muita parecença, muita igualdade. Ha monotonia tambem em tudo, nas expressões, nos gestos, nos modos. Não vejo nada forte nem seguro para mantê-la em evidência. Nada justifica a publicidade que se tem feito dela, como sendo a nova Clara Bow. Comparando-a com Clara Bow, então nota-se que é demasiadamente sem vida e teatral.»

Estas palavras são de Adela Rogers uma das boas argumentistas americanas.

«**R**UAS da Cidade», exibido no Trindade veio aumentar mais uma produção para a lista daquelas que o público não quer ou não sabe apreciar.

O filme de Mamoulian, é um verdadeiro monumento de tecnica, aonde não se encontra o mínimo deslize. No entanto, a maioria do nosso público não se entusiasma com essa produção. E porque? Porque o não souberam entender, não puderam alcançar tanta perfeição, enfim, porque era um filme demasiadamente grande para as nossas plateias. Este facto é para lamentar, porque o que aconteceu com este filme. sucederá com outros.

Por conseguinte, toda e qualquer orientação conduzida de fórma a preparar o gosto do nosso público, no sentido de coagir a não deixar sem o seu justo comentário, filmes como a «Super» da Paramount, deve merecer o sincero acolhimento daqueles que empregam os seus melhores esforços para obter a maxima perfeição da Setima Arte.

Ainda a propósito de

a misteriosa morte de Lya de Putti

Lya de Putti teve uma das vidas mais agitadas e novelescas que conhecemos; a sua existência foi uma sequência de episódios impressionantes, muitos dêles atingindo um aspecto dramático. A formosa «estrêla» hungara conseguiu mesmo depois de morta que o seu nome provoque os mais desencontrados comentários, despertando a atenção do público e da imprensa.

A causa da morte de Lya de Putti, a qual nos foi transmitida pelo telégrafo, dizia-nos que tinha sido ocasionada pela intersecção de um osso de galinha na garganta, o que motivou uma operação, sobrevivendo-lhe um ataque pneumónico fatal. Entretanto, êsse não foi o verdadeiro fim da malograda artista.

Chegou ao conhecimento das autoridades novayorkinas que, no hospital em que fôra operada, Lya de Putti, desesperada com a sua situação financeira e desanimada por não haver obtido contrato algum com as empresas de filmes, engulira uma carta de alfinetes, disposta a, dêsse modo, pôr termo à existência.

Lya de Putti, parecia ter nascido sôb a influência de um destino perverso. Bailarina da Opera de Budapest, casou-se com o barão de Putti, oficial do exército hungaro, que se indis pôs com todos os seus parentes ao realizar o matrimónio. O casamento foi anulado, depois de verdadeiras lutas domésticas, ocasionadas pela escassez de recursos do barão de Putti que sempre vivera a expensas da parentela, e que agora não o auxiliavam Lya desposou em segundas núpcias o conde Luís Christiansen, da embaixada norueguesa em Berlim, que faleceu pouco tempo depois, deixando-a viuva aos vinte e um anos de idade. A ex-bailarina voltou ao palco, em Berlim, e mais tarde apareceu triunfalmente no cinema, no filme «Variedades», um dos seus melhores trabalhos. A sua glória foi pouco mais que efeméra. Atraída aos Estados Unidos, vulgarizou-se como intrepete de filmes mediocres, desfazendo o renome que outrora conseguira.

Atravessando novamente o Atlantico, residiu durante algum tempo na Inglaterra; voltou pouco depois à Alemanha e, suggestionada pelo poder dos dollars, tentou mais uma vez o «écran» norte-americano, sem conseguir que o seu nome atingisse sequer o pálido reflexo do seu prestígio antigo.

Esta sua última e trágica tentativa, não foi a primeira, pois já antes da sua estreia no cinema, precipitou-se de um segundo andar, tendo recebido graves lesões. Restabelecida, declarou que chegára à janela para falar a um visinho, tendo perdido o equilíbrio e caído.

Todavia, assegura-se que foi essa a primeira tentativa de suicídio de Lya de Putti, numa crise de desanimo, perante as dificuldades que encontrou antes de se estrear como primeira bailarina, no «Weintergastner de Berlim.



LYA DE PUTTI

A suspeita de suicídio criada em torno da sua morte motivou a exumação do cadáver da formosa «vamp» que foi submetida a autopsia, conforme publicou a imprensa novayorkina. As informações que nela colheram não adeantaram positivamente, se realmente Lya de Putti se suicidou.

A grande intérprete do filme «Variedades» em que compareceu com Emil Jannings, talvez tivesse querido representar ao vivo o grande drama que intreprou. A ser assim, Lya de Putti, teria tido como fim, uma tragédia tão dolorosa e pungente como a que magistralmente viveu no celuloide.

A morte de Lya de Putti, que nos foi tão sentida como a de Rudolfo Valentino retirado da vida em pleno apogeu de glória, veio aumentar a lista já enorme dos artistas de cinema que sucumbiram ainda na força da vida.

E' para os nossos leitores verem que a vida do cinema não é tão agradável como ac primeiro relance parece, pois se tem inúmeros momentos felizes tem também alguns trágicos, que passam a maioria das vezes desconhecidos aos olhos dos cinéfilos de todo o mundo.

J. A. T.

NA CAPA:

A encantadora artista francesa Jacqueline Francelle que recentemente terminou o filme «La Petite Chocolatière».



DANSA

Ensino teórico e
prático

Peixoto Guimarães

Rua Mártires da Liberdade, 240

PORTO

CARTA de PARIS

Vinte minutos de palestra com

MEG LEMONNIER

Quando uma artista se tornou célebre; quando o seu talento, o seu encanto, a sua beleza são universalmente conhecidos, quando ela é, numa palavra, «amada» pelo seu público; que satisfações pode esperar, que proveitos pode tirar desses vinte minutos de palestra com este ser curioso e maçador que é o jornalista?

Eram estas as reflexões que eu fazia quando transpunha a porta do camarim de Melle Meg Lemonnier.

Visivelmente fatigada por um longo dia de trabalho, Meg, muito pouco sorridente à minha chegada, parecia confirmar o meu presentimento; todavia recebeu-me com toda a gentileza,

Oferecendo-me o lugar que ocupava no seu divan um lindo cachorrinho, eu compreendi toda a honra que a dona do feliz bicho me queria dar.

—«Você vem num mau dia, disse-me ela, doe-me horrivelmente a cabeça, e além disso, vejo-me obrigada a responder às suas perguntas enquanto que procedo ao meu maquillage.

Soceguei-a. Disse-lhe que a minha intenção não era de aborrece-la com perguntas, mas, simplesmente, pedir-lhe a sua opinião sobre os seus dois últimos filmes que ainda não vimos em Paris.

O rosto belo de Meg Lemonnier ilumina-se repentinamente, a curva dura e amargosa de sua boca desaparece, o seu cansaço parece desvanecer-se e ei-la agora toda sorridente. Seus lindos olhos parece iluminarem-se. E' uma alegria para ela falar das suas últimas obras, dois futuros grandes sucessos, certamente!...

—«E' então de *Il est charmant* e de *Camps volant* que Você quer que lhe fale?...

—Justamente, respondendo.

Meg, que dentro em pouco terá de aparecer em cena, prepara o seu rosto cuidadosamente ao mesmo tempo que prosegue, olhando-me no espelho que tem na sua frente:

—«O primeiro é duma viveza e duma alegria doidas; é uma opereta de Albert Willemetz com música de Moreti.

—«De que trata o filme?

—«Oh! não é muito complicado. Você sabe; é uma série de divertidas aventuras dum rapaz e duma rapariga, estudantes de direito.

«O que eu lhe digo é que os couplets cantados por Dranem, cujo trabalho é inarrável, por Henry Garat e por mim são engraçadíssimos e duma frescura verdadeiramente delicada

—«Quem são os outros intérpretes?

—«Baron filho, Moussia e Cassive.

—«E de *Camps Volant*, que me diz?

—«E' muito interessante também, Você verá, posto que mais dramático

«A meu lado trabalharam Ivan Kowal-Samborski e Bourdelle.

«Imagine que tive de fazer o meu papel quatro vezes: em francês, em inglês, em espanhol e em alemão; é o meu primeiro filme internacional.

—«E o cinema agrada-lhe?

—«Imenso? Adoro o cinema, mas devo confessar-lhe que não achei graça nenhuma a certas cenas de *Camps volant*, que se passam num circo. Calcule que tive de subir para um trepézio que estava a vinte e cinco metros do solo. Olhe que não é nada divertido!...

—«Todavia Você não deixou de sorrir...

—«Eu pensava lá em sorrir!... e no filme estou certa que se ha-de conhecer que eu não estava lá muito satisfeita... Mas que quere? Eu não sou acrobata...

Dois grandes traços a carvão para alongar as sobrancelhas, umas sombrinhas negras à volta dos olhos, uma pintadela de azul sobre as palpebras e eis terminado o maquillage.



—«Como vê, exclamou sorrindo-se, andei depressa!...

A meu pedido a graciosa artista confia-me os seus projectos:

—«Em Maio vou começar a filmar uma nova opereta com Henry Garat, depois... outros, filmes... e outros... e outros...

—«Isso tudo!, interrompi a rir-me, e sempre para a Paramount?

—«Pois claro!... e durante ainda dois anos, pelo menos, e à razão de quatro filmes por ano. Como está a ver o público não terá tempo para ter saudades de mim...

—«Mas ficará encantado por tantas vezes ter ocasião de a ver!

Meg Lemonnier olha-me de alto a baixo com cara de quem não me toma muito a sério ao ouvir a minha afirmação, e não me responde. Todavia, Vocês, amigos leitores, são com toda a certeza da minha opinião, não é assim?

(Paris, 11 de Fev. de 1932).

Geo Poirier.

Filmes exibidos ultimamente na CAPITAL FRANCESA

X-27 Depois de «Le Congrès s'amuse» a delicada opereta que tanto sucesso obteve em Paris no cinema «Miracies», eis agora na mesma casa de espectáculos «X-27» um dos mais belos trabalhos de Joseph von Sternberg.

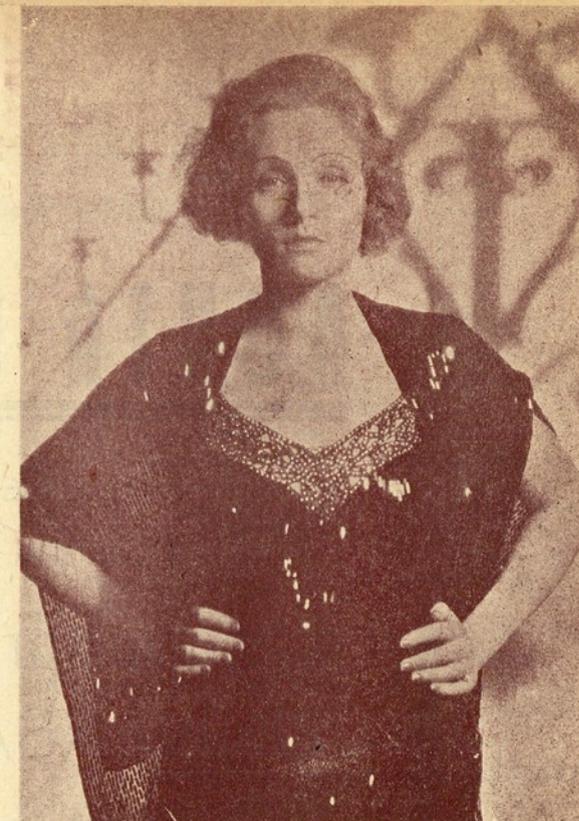
Trata-se dum curioso negócio de espionagem, ou antes, dum drama de consciência, no qual finalmente o amôr desempenha um factor de valor. Para Marlène Dietrich, a incomparável heroína de «O anjo azul» e de «Marrocos», foi uma nova ocasião de desenvolver o seu admirável talento. Que belo estudo psicológico nos dá ela, nesta criação que é no momento presente, a melhor, a mais certa e aprofundada! Quanta naturalidade, grandêsa poder evocativo na interpretação de Marlène Diétrich!...

«X-27» é uma espia ao serviço da Austria, desiludida da vida, aceitando-a com indiferença, tanto se expôs ao perigo e às dificuldades que lhe exigem; com uma audácia e ardor pouco vulgares «X-27» usa dos seus encantos para seduzir o inimigo para conseguir saber os seus projectos.

Mais tarde, na Rússia é prêsã; reconhecida por um falso tenente austriaco, que não é um seu colega de profissão, consegue escapar e traz ao seu país uteis ensinamentos graças aos quais o avanço das tropas austriacas será importante: numerosos mortos, feridos e prisioneiros entre eles H-14. O desgraçado será fusilado, mas antes da aurora x-27 irá visitá-lo. Dar-lhe a melhor prova do seu louco amôr: os meios de fuga.

—Amava-o, declara ela mais tarde aos seus juizes e foi esta a sua única defêsa. Com impressionante coragem sucumbirá sob o fogo do pelotão executor... uma manhã... à alvorada.

Já dissemos tudo acêrca de Marlène Diétrich, mas diremos ainda que o seu partenaire Mac Laglen, mostrou-se maravilhoso, digno de figurar ao lado de tal artista. Os outros personagens, Gustav von Seyffatitz, Warner Oland e Lew Cody interprete também os seus papeis. Quanto ao



MARLENE DIETRICH. intérprete do fonofilme «X-27»

filme propriamente, à parte algumas inverossimilhanças de detalhes notavelmente, no fim, é duma técnica perfeita.

Todos os elementos, tomadas de vistas, décors e luz, concorrem para dar a êste filme uma nota, um conjunto impressionante que Joseph von Sternberg pode assinar sem corar.

Tumultos Com «Tumultos» a última produção de Erich Pommer editado pela Alliance Cinematographique Européenne, encontramos e facilmente se constata, em presença dum filme de concepção alemã, com os seus quadros muito significativos, dando uma ideia de força de movimento.

O estudo dos costumes muito aprofundado, as cenas notáveis impregnadas duma pesada atmosfera de angustia — sinais característicos deste género — assim como a interpretação impecável assegurarão certamente a êste filme uma bela carreira.

«Faubourg Montmartre» e «La Chienne» aos quais «Tumultos» pode ser comparado, obtiveram recentemente em Paris um vivo sucesso, e eis porque desde já damos ao filme de Pommer uma preferência, que merece ainda uma maior recompensa.

Eis em resumo o argumento: Ralph Schwarz sai da prisão antes de cumprida a pena, tendo obtido absolvição pela sua irrepreensível conduta. Cheio de boas resoluções, volta para casa da sua amiga Ania onde os seus complicados não tardam em vir desinquietá-lo. Tem necessidade do seu

(Conclui na página 14).

AGUIA D'OURO

apresenta na
proxima 2.^a feira

A super-produção da
UNIVERSAL FILMS

OS FILHOS

Emocionante fonofilme com:

JENEVIEVE TOBIN,
LOIS WILSON e JOHN BOLES.

PROGRAMA CASTELO LOPES

A extraordinária competência dum crítico

Um filme visto pela mesma pessoa

∴ sob um critério diferente ∴

O «crítico» cinematográfico do *Primeiro de Janeiro*, sr. M. F., publicou nêsse jornal as seguintes apreciações sobre o filme «O café do Felisberto», em 23-8-931:

O «Botequim de Felisberto», têmea extraído da conhecida peça de Tristan Bernard «Le petit café», é uma comédia de banal realização e de exiguo movimento. Saiu dos studios da «Paramount» e é desempenhada, em primeiro plano por Maurice Chevalier.

A parte a cena da embriaguês em plena adega do café, o interprete do «Grande Charco» e da «Parada do Amor» nem se faz apreciar como cançonetista, nem dá motivo para o metermos na categoria de «az» com que a Paramount e certos criticos o pretendem impôr á multidão frequentadora dos cinemas.»

E em 24-2-932.

«O Café do Felisberto», a antiga comédia de Tristan Bernard que já vimos, no cinema e no teatro, volta ao écran realçada pela vivacidade sugestiva de Maurice Chevalier.

Filme espirituoso, cheio de mocidade e de alegria, «O Café do Felisberto» encontrou em Ludwig Berger, que derigiu «Sonho de Valsa», um realizador inteligente. É assim todas as situações cómicas e levemente sentimentais, que cortam a acção, são destacadas em detalhes curiosos, que se fixam atentamente, numa impressão de seguro agrado.

Chevalier, ao lado de Yvonne Vallée, no protagonista, tem uma interpretação movimentada, rissonha e extremamente graciosa. E' como não podia deixar de ser, a razão e o grande animador de todo o filme.»

Sem comentários... o leitor que é inteligente os fará...

NO filme «Panama Flo» que a R. K. O. apresentou recentemente, aparece Reina Velez irmã da encantadora Lupe Velez.

JEANETTE Mac Donald firmou recentemente contrato com a M. G. M. O seu primeiro filme para esta empresa, intitula-se «The Truth Game».

Robert Montgomery será o galã.

MARCEL L'Herbier, começou a produzir «Document 127», nos studios da Gaumont.

A «COLUMBIA» terminou recentemente o fonofilme «Homens da minha vida».

Esta nova produção é dirigida por David Selman e interpretada na versão espanhola por Lupe Velez, Gilbert Roland, Ramon Pereda Paul Ellis e Carlos Villarias.

O REALIZADOR King Vidor, partiu recentemente para a ilha de Hawai, afim de filmar os exteriores de «A ave do Paraíso».

«RONNY», a linda cine-opereta da Ufa, será apresentada brevemente em Portugal com o título «A Princesa Encantadora».

Este fonofilme é apresentado pela Agencia Cinematográfica H. da Costa.

A EMPRESA alemã «Terra Film», vai produzir o fonofilme «Les trois filles du concierge».

Serão feitas duas versões: alemã e francesa.

NO próximo número, publicaremos um interessante artigo sôbre Clara Bow, da autoria do nosso estimado camarada J. Alves da Cunha.

BONUS

Oferecido aos leitores da INVICTA CINE pelas Ex.^{mas} Empresas dos Cinemas:

AGUIA D'OURO
PASSOS MANUEL
OLYMPIA
ODEON

50 % de desconto em todos os lugares na matinée do dia 5 de Março de 1932.

50 % de desconto em todos os lugares na matinée do dia 3 de Março de 1932.

50 % de desconto em todos os lugares nas matinées dos dias 3 ou 5 de Março de 1932.

50 % de desconto nos lugares de Fauteuilles e Balcão no dia 5 de Março de 1932.

O Rei dos Cinéfilos—Porto—Depois do Rei do Petróleo, do Rei da goma de mascar, do Rei da Graxa, do Rei dos Borlistas .. era justo, era natural, era inevitável que aparecesse o Rei dos Cinéfilos... Seja bem vindo. Então é a primeira vez que aparece por cá? Mais uma razão para ser bem recebido. Ai vão as indicações que deseja: *Street Scene*, drama teatral adaptado ao cinema da autoria de Elmer Rice; realizador: King Vidor. Tenho lido maravilhas a respeito deste filme. Só desejo que seja tão bom como *Ruas da Cidade*.

Ilheu—Ponta Delgada—Desculpe esta resposta não ir com a rapidez que o amigo desejava, mas aqui ha mais gente a atender e cada qual tem de esperar a sua vez. Você queria fazer como o *Bouboule* no *Rei da Graxa* quando foi ao *Paladium*? Mas vamos ao que importa: os interpretes de *Cimarron* (que acaba de colher o maior número de votos no inquérito ultimamente realizado pelo «Film Daily») são: Irene Dunne e Richard Dix. Jack Hoyt nasceu em Winchester. Que é que isso lhe importa? Não sei se Edwina Booth se saiu bem ou mal em *Trader Horn* porque ainda não vi este filme, mas dizem que foi bem sucedida. A última pergunta fica sem resposta porque os gostos variam e porque essa pergunta deveria ser feita a uma revista musical. Mande sempre.

Frederico Guilherme Seiz—Porto—Nós estamos todos fixíssimos. Está bem, amigo, eu não duvido da história que me contou, Você é que parece não ter percebido bem a intensão da minha resposta .. Sobre carnaval leia o que tenho dito a outros leitores. Divirto-me de maneiras um pouquinho mais inteligentes... eis tudo. E Você? Convença lá a Mariazinha a vir para a «família», diga-lhe que eu sou um rapaz muito simpático, muito inteligente, muito... um sem número de coisas lisongeras e agradáveis. Sou da sua opinião. Não aprovo essa do tal homenzinho mudar de sexo... ainda que seja só a fingir. E' assim que eles começam... Lamento não poder dar-lhe as informações, que pede mas presentemente não sei nada de certo sobre essa artista. Se vier a saber qualquer coisa, apitarei! Douglas Faz... Banko agradece cumprimentos. Eu retribuo em duplicado o abraço que mandou para mim.

Tertuliano — Lisboa — A sua carta sensibiliza-nos pelo seu número de amabilidades que encerra e esperamos que continue distinguindo-nos com a sua amizade. Os bonus concedidos pela *Invicta Cine* são só para os cinemas do Porto. Nesta cidade também ha um «Olimpia» e um «Odéon», como em Lisboa. .. e como em todo o mundo. A assinatura da nossa revista é de 12\$50 (pagamento adiantado), semestralmente (série de 25 números). Não nos mandou nada a sua carta. E quando desejar alguma coisa desta secção, é só bater à porta e perguntar pelo Amok.

Guidita—Porto — MUITÍSSIMO obrigada pela sua fotografia. Não está desinteressante: E' pena Você estar tão melancólica e com o pescoço torcido... De resto agradou-me. Então eu noutro dia estava assim tão pouco amável? Você deve estar enganada... Eu posso lá ser pouco amável para consigo! Não se zangue e escreva sempre. Quando mais não seja senão para fazer ferro cá a uma certa pessoa...

Henrique—Porto — Se li o quê? Palavra que não entendi nada do que o menino escreveu. Valha-me Deus, mas para ama seca é que não tenho geito nenhum...

Curioso—Porto — A nova secção «Comentários» é feita por toda a gente, é uma página colectiva e por isso vem assinada por Nós. Está satisfeita a sua curiosidade?

A. Ramalho—Porto—Folgo em saber que os bonus para o Aguiá d'Ouro lhe deram assim tanto prazer. Essa rapariga que Você viu em *Margem Esquerda* é Meg Lemonnier. Mora na Avenue du Suffren, 151, Paris, França. O nosso correspondente em Paris, G. Poirier, parece ter adivinhado que Você desejava «qualquer coisa sobre a sua terna preferida» pois que acaba de nos enviar uma entrevista com essa edeta. Isso é o que se chama ter sorte!

Alberto—Porto—Admiro em Milton o à vontade com que enfrenta a câmara de filmar. E na verdade um bom actor. Escreva-lhe para: Neuilly-Sur-Seine, 14 bis Villa Madrid, França. Não sei se manda retrato. E' muito possível que sim.

Mar-e-Alva—Porto—Pergunte-me o que quiser menos quais foram as razões que impediram o filme *Viva a Liberdade!* de ser exibido na data que estava anunciada. Fiquei simplesmente maravilhado com *Ruas da Cidade*. E' uma pena que os americanos, com os valiosíssimos elementos técnicos e artísticos que tem nas mãos, não façam com mais frequência obras como esta. Não é de lamentar que obriguem agora Rouben Mamoulian a ir dirigir Chevalier e Jeanette Mac Donald no filme-opereta *Love me to night?* Eu com *Matou!* fiquei entusiasmado, mas com *Luzes da Cidade* olhe que não fiquei menos. Quem deve estar agora mais do que nunca am ricanófila é Melisande... e desta vez tem bem razão para isso.

Beer-runner—Porto—Olá, Você também pertencerá ao «Gang» do Paul Lukas? Realmente ha quem diga para ai que Sylvia Sidney é feia. Ou são meio-cegos ou tem os gostos adulterados. Não faça caso... que eu, por mim, continuo achando a Sylvia uma linda rapariga. Só é pena estar tão longe... Escreva-lhe para os Paramount Publix Studios, Hollywood, California, U. S. A. Adeus! «Sempre amigos»...

Frederico Guilherme Seiz—Gaia—Outra vez por cá! Obrigado pela sua amável lembrança.

Admirador eterno de Clara Bow—Viana—Bravo! Assim é que eu gosto de os ver. Vá lá, Você teve sorte e o seu desejo será em parte satisfeito. Lerá no próximo número um longo artigo sobre Clara Bow focando a sua queda e o seu possível renascimento.

Bouboule 2.º—Porto—Já que Você roubou o nome ao Milton, respondo ao seu arrasado com aquela canção: «T'en fais pas Bouboule, n'attrape pas d'ampoule ni de meningite pour ça»...
 Siga o conselho e «Keep your smile»... Verá como as coisas lhe correrão melhor.
 That's all...
 Good bye.

A. Fernando da Fonseca—Evora—Esses assuntos não podem ser tratados por meu intermédio. Mesmo não sei quem é uma das pessoas de quem o amigo me fala.

Mão-de-Ferro—Porto—1.ª E' possível que se faça isso. 2.ª Escreva-lhe para os Paramount Publix Studios, Hollywood, California, U. S. A. 3.ª Póde escrever mesmo em chinês, logo que mande um mínimo de vinte e cinco centimos. Mas olhe que o mais prático é Você pegar num miser escudo e comprar numa papelaria qualquer o retrato-postal da sua apaixonada. E' mais económico e mais rápido.

A. M.—Lisboa—Não me lembro de ter recebido nenhum postal seu antes deste. Naturalmente extraviou-se.
 Volte a fazer-me as perguntas que deseja. Estarei sempre ao seu dispor.

Botão de Rosa—Porto—Seja bem-vinda! Adoro as flores! Tenho muita pena, querida amiga, mas mantenho a minha opinião a respeito do seu simpático Henry Garat. Não sei se o Olveira Martins voltará a aparecer em algum filme português. E' muito possível... logo que se façam filmes portugueses... E apareça por cá mais vezes perfumado Botão de Rosa.

Amokinho-ben-Amok—Porto—Olá amigo! Que tem sido feito de si? Ha séculos que não tinha o prazer de ler suas cartas! Tenha o incómodo de procurar as direcções que deseja em respostas anteriores. Creio que esse jornal não voltará a aparecer. Todavia nada sei ao certo. Agradecemos e retribuímos o seu grande abraço. Até breve.

AMOK

Carta do Rio de Janeiro

É com verdadeira satisfação, que vos dou pela primeira vez um resumo do movimento cinematográfico no Rio de Janeiro.

Nesta enorme cidade cosmopolita, aonde a nossa colônia tem o maior contingente, toda a mocidade vai ao cinema. Esta diversão constitui quasi um *vicio* pois ha pessoas que não fazem outra coisa durante o dia senão assistir aos variados programas que as nossas emprêsas lhes oferecem. Os cinemas na maioria estão em sessão permanente das 2 horas da tarde à meia-noite. Aqui, ha inumeras salas de projecções, embora na maioria não tenham grandes lotações. De facto, salas como a do *Odeon, Capitolio, Eldorado, Império e Parisiense* etc., honram qualquer cidade. Um filme raramente é repetido duas semanas, a não ser que seja dum valor muito excepcional.

Não obstante a crise financeira que avassala todo o mundo, no Rio de Janeiro é apresentado um enorme contingente de filmes e que quasi sempre dão a justa compensação ao trabalho dispendido.

Depois de vos dar a conhecer, desta maneira superficial, uma ideia do que é o cinema para os brasileiros, vamos, resumidamente, fazer umas apreciações sobre os filmes estreados ultimamente.

Começaremos pelo filme português «A Filha do Tejo» e que aqui apresentaram como terminado ainda este ano quando estamos informados que este filme já ha muito foi exhibido em Lisboa, embora com outro título.

Esta produção nem sequer merecia comentários. Fraca realização, cenário muito pobre, interpretação infelécissima, eis em resumo o valor do filme.

É pena que tivessem apresentado esta produção com tanto reclame quando o seu valôr é quasi nulo. Tenho a certeza que na nossa terra se produz algo de melhor.

«**Não apostes nas mulheres**» — (*Don't bet on Women*)—Super produção da Fox, com Jeanette Mac Donald, Edmond Lowe e Roland Young nos principais papeis.

Este filme, com um argumento interessante é prejudicado pela sua má realização. Soberba fotografia, sobretudo em alguns exteriores.

Inferior trabalho de Jeanette e Edmund Lowe. Actuação brilhantissima de Roland Young.

De notavel, a indicação do decrescimento de valôr de Jeanette Mac Donald.

«**O Segredo do Advogado**»—(*The Lawyers Secret*)—Super-produção da Paramount.

Um filme soberbo com um argumento que

desperta a atenção de todo o público, da autoria de James Finn. Uma das melhores produções da Paramount, apresentadas esta época. O desempenho foi confiado a Fay Wray, Clive Brook, Richard Arlen, Charles Rogers e Jean Arthur.

Richard Arlen, tem neste filme um dos seus melhores trabalhos. Clive Brook, o artista sobrio por excelencia, empresta um enorme brilhantismo ao seu desempenho. Fay Wray num papel sem grande responsabilidade, defende-se bem. Charles Rogers excelente.

O argumento do filme baseia-se no genero policial, apresentado duma maneira inteligente por Gasnier que tem nesta pelicula uma superior realização, contribuindo assim para o estupendo exito obtido.

«**Marujo Amoros**»—(*Way for a Sailor*)—Produção da M. G. M. com John Gilbert, Wallace Beery, Leila Hyams e outros.

Este filme foi bastante prejudicado por ter sido apresentado um pouco tardiamente, pois é uma produção de 1930. Tem como principal atractivo, o participar nêle John Gilbert, que não obstante ter um regular trabalho não consegue com isso dar valôr ao filme, Wallace Beery tem um valioso trabalho, que justifica por completo a enorme simpatia em que os seus filmes aqui são recebidos, Leila Hyams, um lindo sorriso de mulher, acompanha briosamente os seus dois colegas, a realização de Sam Wood com cambiantes boas e más. Boa, a fotografia de Percy Hilburn. Em conclusão, é um filme que se vê devido ao bom desempenho.

Pelo que acima fica dito, a melhor produção cinegráfica actualmente em exhibição no Rio é o «Segredo do Advogado» que vocês não devem deixar de vêr quando ele fôr exhibido em Portugal.

A aconselhar, tambem, que as casas distribuidoras de Portugal não enviem para o Brasil filmes como a «Filha do Tejo», pois a imprensa carioca da especialidade, nas suas apreciações carrega sempre um pouco na nota, embora neste caso tenha absoluta razão, sem se recordarem que infelizmente o cinema brasileiro ainda está muito atrasadinho; tem telhados de vidro, mas não evitam o atirarem pedras aos vizinhos.

GERMANO ALVES.

(Redactor de «INVICTA CINE» no Brasil).

Visado pela comissão de censura

FOTOGRAFIA GUEDES

O MAIS COMPLETO ATELIER FOTOGRÁFICO

NEVES GUIMARÃES

346, Rua Santa Catarina, 350. Telef. 2680

Carta de Paris

(Conclusão)

precioso concurso para o assalto a um banco, mas Ralph que tem a consciência do perigo não atende às suas solicitações.

Schwarz no fundo bom e fraco, misturar-se-á no entanto no negócio para salvar os seus camaradas que correm um perigo certo. Bastou para tocar o seu bom coração de cabotino, a recordação de Willy, jovem amigo que acaba de sair duma casa de correção e o pedido de Ania que manifesta desejo de possuir um casaco de peles. Mas bastaria este ultimo pedido para se esquecer de tudo.

Todavia isto era apenas inutil, porque a pérfida creatura engana o afrontosamente com Gustavo, o fotografo.

Ralph, cêdo o chega a saber e uma tarde, numa festa surpreende os deliçquentes. Uma luta terrivel trava-se entre os dois homens no decorrer da qual, Gustavo atirado contra uma varanda cai à água e morre afogado.

Na manhã seguinte, as investigações da policia; Ralph vai ser prêso, mas foge pelos telhados e refugia se numa barraca dos arredo-

res; é aí que Willy, que procura consolá-lo, lhe vai levar a alimentação diária. Mas Ania, acha em Willy um novo amante; depois seguido pela policia cedo denunciara o lugar onde Ralph se oculta. Descoberto, deve voltar para a prisão, donde foge um dia com o fim único de castigar aquela que o traiu. A sua primeira visita é para Ania que fica aterrorisada, não vá o seu Willy voltar. Com efeito volta, e então trava-se uma batalha terrivel, entre aquêles que fôram bons amigos. A policia avisada chega e separa-os. Willy ferido, seguro por Ania, volta para casa de sua amante, enquanto que Ralph medindo toda a extensão da pérfida mulher abjecta, entre dois agentes, olha melancolicamente com sombria tristeza tudo aquilo que foi a sua vida.

E' Charles Boyer—homem elegante nas suas creações—que incarna o papel de Ralph, êste ladrão, bom rapaz, a quem o seu coração perdeu. Boyer é notavel de talento e verdade extraordinário pela sua simplicidade.

—Odette Florelle cujas grandes qualidades estam já firmadas nas últimas obras, pode definitivamente ser classificada entre as grandes vedetas do cinema francês. Foi uma Ania deliciosa, alegre ao máximo, muito delicada e muito tola, traduziu com fidelidade a sua constante infidelidade. Um bom filme que se vê com agrado.

GEO POIRIER.



JACKIE COOPER, com sete anos de idade, o já famoso astro da Metro-Goldwyn-Mayer, experimenta a sua boa estrêla nas complicações da máquina de escrever

UNDERWOOD,
astro mais brilhante no firmamento das máquinas de escrever.

U
N
D
E
R
W
O
O
D

A Underwood dá um tom de elegancia e distinção ao seu possuidor.

Agente Geral: CARLOS DUNKEL — Rua do Bomjardim, 81 — PORTO

TELEFONE: 1013

Escuta...

compra as
sedas, lãs,
peles e
bolões

CENTRAL
DOS
LOIOS

11-LOIOS-14
TELEF. 1599

~ PÓRTO ~





CASTELO LOPES, L.^{DA}

A firma detentora dos melhores filmes europeus
e americanos apresenta brevemente no Poito

OS FILHOS - emocionante fonofilme com
Jenevieve Tobin, Lois Wilson e John Boles

A VALSA DOS CORAÇÕES - encantadora
opereta com
Walter Janssen e Gretl Theimer

O MISTERIO DA CASA FORTE - fonofilme
de assunto
policial, com Harry Piel, Dary Holm,
Elizabeth Pinajeff e Hans Junkermann.

AVENTURA AMOROSA e NOITES DE VENEZA

